

Por que morro de inveja

Eu morro de inveja, quando vejo cantando nos Corais do Colégio São Vicente nossos Alunos e Alunas, dos menores aos que estão terminando seu curso conosco. E quando vejo os adultos que voltam ou vêm à nossa Escola para os ensaios e as apresentações, morro de inveja. É claro que posso ir cantar com eles e já fiz isso nalgumas das Missas cujos cantos foram animados pelos Corais. Mas não tenho é o tempo de ir, cada semana, duas vezes por semana, horas e horas, ensaiar cada canto, aprender os ritmos, as harmonias, combinar as vozes, equilibrar os volumes, decorar as letras e sobretudo as coreografias, aquelas palmas, aquelas batidas no peito, os estalos de dedos, tudo o que torna as apresentações ainda mais bonitas e matam ainda mais a gente de inveja.

Por isso, quando vão se apresentar, também me apresento, mostrando um poema, uma criação em prosa, uma lembrança boa da minha vida, um dos meus sonhos atrevidos, uma esperança, uma certeza, um desafio. Uns acham que estou me exibindo. Outros sentem que é uma homenagem, de coração, de quem aprecia a arte e a música, a competência e a amizade, a cultura e o refinamento, a bondade e a beleza, uma homenagem ao bom gosto e à arte de nossas regentes, ao esforço miúdo e bem-sucedido de nossos cantores, ao apoio fundamental dos nossos músicos e dos outros técnicos. Então, quando falo dos Corais, quando falo aos Corais, elogio à beça e depois bato palmas com vontade, - podem ter certeza, - já não é só inveja, é a gratidão mais justa e merecida. É uma forma de dar voz a todas as emoções do auditório, de mostrar como todos temos gosto de ver e ouvir vocês. E de dizer quanto queremos que vocês continuem crescendo e encantando.

Eu disse: cantando ou encantando?

Pe. Lauro Palú, C. M.

Rio de Janeiro, 30 de junho de 2010